



INSTITUTO IGARAPÉ
a think and do tank

ARTIGO
ESTRATÉGICO

21

AGOSTO 2016



Infância e Segurança:

um estudo sobre a percepção da violência por
crianças e adolescentes do Complexo do Muquiço,
Rio de Janeiro

Renata A. Giannini, Maiara Folly, Victor Ladeira, Andressa Werneck e Renata Siqueira

Foto: Arquivo Instituto Bola Pra Frente

Sumário

Resumo	1
Introdução	2
Violência contra crianças e proteção no Brasil: o caso do Rio de Janeiro	3
Aplicação do Índice de Segurança da Criança (ISC) do Complexo do Muquiço	4
Resultados preliminares: A sensação de (in)segurança no Complexo do Muquiço	7
Lições aprendidas e o olhar para o futuro	14
Reflexões finais	15
Referências	16
Anexo I - Questionário	18



Infância e Segurança:

um estudo sobre a percepção da violência por
crianças e adolescentes no Complexo do Muquiço,
Rio de Janeiro

Renata A. Giannini, Maiara Folly, Victor Ladeira, Andressa Werneck e Renata Siqueira¹

Resumo

Este Artigo Estratégico apresenta os principais resultados da aplicação do Índice de Segurança da Criança (ISC) aos frequentadores do Instituto Bola Pra Frente. Bola Pra Frente é uma iniciativa do tetracampeão mundial de futebol Jorginho, que há quinze anos vem utilizando o esporte como ferramenta para o desenvolvimento de comunidades socialmente vulneráveis nos bairros de Guadalupe (onde está localizado o Complexo do Muquiço), Deodoro e Zona Norte do Rio de Janeiro. A pesquisa mostrou que a percepção de insegurança tende a aumentar com a idade e com respondentes do sexo feminino, em especial adolescentes. Uma análise detalhada sobre a percepção de crianças e jovens

sobre os diversos tipos de violência mostra que este grupo considera que as principais formas de violência são agressões físicas, verbais e sexuais. Além disso, embora se sintam seguros na escola, é comum o cancelamento de aulas em razão da violência no entorno dela. Nota-se ainda que uma importante parcela dos moradores não se sente protegida por policiais. A parceria do Instituto Igarapé com o Instituto Bola Pra Frente mostrou que o ISC é uma ferramenta de pesquisa digital eficaz para levantar dados gerais sobre a percepção de jovens e crianças acerca da insegurança em seu entorno e de como a violência pode afetar o seu dia a dia.

¹ As autoras e o autor gostariam de agradecer a Katherine Aguirre, pelo processamento dos dados e análise estatística, e a Robert Muggah, pelos comentários e revisões.

Introdução

O Índice de Segurança da Criança (ISC)² é um aplicativo de pesquisa de percepção simples que visa identificar a percepção de crianças e jovens sobre a segurança ao seu redor.³ Além de acelerar o processo de pesquisa e diminuir a possibilidade de erro, o aplicativo permite a visualização dinâmica dos resultados em uma plataforma interativa que organiza as respostas de acordo com o sexo, idade e local em que se realizou a entrevista.

O ISC analisou as respostas de 326 entrevistados – a maioria crianças e jovens –, moradores do Complexo do Muquiço no Rio de Janeiro e frequentadores do Instituto Bola Pra Frente. O objetivo foi coletar as percepções de insegurança dos educandos do Instituto e identificar as potencialidades para o projeto Clube de Proteção à Infância e Juventude. Ao mesmo tempo, a experiência serviu como piloto para avaliar as funcionalidades do aplicativo criado pelo Instituto Igarapé e sua capacidade de oferecer um panorama geral da segurança por meio da percepção infantil.

Este Artigo Estratégico identificou que:

- Crianças e adolescentes consideram agressões físicas, verbais e sexuais como as principais formas de violência, e atribuem a espaços públicos o principal local em que a violência pode afetá-los;
- Pais e adultos tendem a reportar níveis de insegurança maiores. Esses resultados sugerem que adultos se preocupam mais com a segurança das crianças do que elas próprias. Também é possível que as crianças não tenham se sentido confortáveis em admitir que se sentem inseguras na frente dos entrevistadores;
- Diferenças relacionadas ao sexo do entrevistado foram marcantes em algumas perguntas, particularmente naquelas que aludem a abusos de natureza sexual, segurança em espaços públicos e sensação de proteção com relação a certas pessoas, como vizinhos;

- Menos de 50% dos respondentes consideram segura a comunidade em que vivem. Por outro lado, menos de 10% consideram muito altos os níveis de insegurança em seu entorno;
- Um elevado percentual de respondentes não se sente protegido por agentes de segurança pública (policiais). Entre mães, o percentual sobe consideravelmente, chegando a 41,2%. A média entre todos os respondentes é de 25,5%;
- A resiliência, ou seja, a capacidade de se adaptar a um contexto adverso e conseguir seguir adiante apesar dos problemas enfrentados, apareceu como aspecto central entre os entrevistados. Apesar de reconhecerem que a violência e insegurança podem afetar o seu dia a dia, as crianças e adolescentes entrevistados mostraram-se bastante otimistas com seu futuro. Trata-se de uma importante constatação ao considerar projetos sociais focados na infância e juventude.

Este Artigo Estratégico está dividido em cinco sessões. A primeira oferece um panorama geral da violência no Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, com foco em violência contra crianças e adolescentes. A segunda descreve a área em que a pesquisa foi realizada, bem como a metodologia de pesquisa e o processo de aplicação do ISC. A terceira parte destaca os principais resultados da pesquisa. Finalmente, a quarta sessão e a quinta, a conclusão, tratam das lições aprendidas com a aplicação do ISC no Rio de Janeiro e dos próximos passos da pesquisa.

² Para informações mais detalhadas, consultar: Igarapé (2016).

³ Para uma análise mais detalhada, consultar: Moestue e Muggah (2012).

Violência contra crianças e proteção no Brasil: o caso do Rio de Janeiro

Ao longo das últimas décadas, o Brasil promoveu importantes avanços relacionados ao estabelecimento dos deveres do Estado e da sociedade na garantia de direitos da infância. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, estabeleceu o marco normativo para a proteção de crianças e adolescentes.⁴ Apesar disso, sua implementação é ainda um desafio. A violência contra crianças e adolescentes é generalizada no Brasil e contribui para um perigoso processo de normalização que alimenta o ciclo da violência.⁵

Diferente do Código de Menores (1979), voltado somente a crianças e adolescentes “em situação irregular”, como órfãos, abandonados, infratores, entre outros, o ECA é universal. O documento versa sobre os princípios que devem ser adotados para que as crianças e os adolescentes usufruam dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, incluindo o direito à vida, o acesso à alimentação, à saúde, à educação, à profissionalização, ao lazer, entre outros.

Um aspecto central do documento é que a criança e o adolescente passaram da condição de meros destinatários a sujeitos de direitos.⁶ Não só lhes foram atribuídas algumas garantias, prerrogativas e direitos, como se tornaram também importantes agentes para a formulação de políticas públicas. Entretanto, 25 anos após a instituição do ECA, os direitos, garantias e prerrogativas de crianças e adolescentes não são amplamente respeitados. A violência persiste e, o que é pior, muitos casos não são reportados, prevalecendo a impunidade do agressor.



Crianças jogam bola em comunidade no Rio de Janeiro. Crédito: Arquivo Instituto Bola Pra Frente

Segundo relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 45,6% das crianças brasileiras são pobres.⁷ Além disso, o Brasil é um dos líderes mundiais na violência contra crianças e adolescentes.⁸ O relatório enquadrou o país em sexto lugar no mundo em taxa de homicídios de jovens de 0 a 19 anos. Em termos absolutos, o Brasil registrou mais de 11 mil mortes de crianças e jovens em 2012, ficando atrás apenas da Nigéria, com cerca de 13 mil. São 28 crianças e adolescentes por dia, a maioria deles negros, pobres e moradores da periferia.⁹ Estima-se que o Disque Denúncia receba em média 129 casos por dia de violência psicológica e física contra crianças e adolescentes.¹⁰ Além das consequências diretas relacionadas à integridade física de crianças e adolescentes, há efeitos psicossociais diversos, inclusive a normalização da violência que corrobora com o ciclo da violência.

O Rio de Janeiro não escapa a essa triste realidade. Apesar da queda no número de homicídios na cidade, cerca de 61% entre 2000 e 2012, a taxa de homicídio é ainda muito alta, e a maioria das vítimas é de jovens. São comuns os casos em que jovens são violentamente mortos nas ruas da cidade em decorrência de intervenção policial. Nesses casos, as mortes são quase exclusivamente de jovens homens negros, pobres e moradores da favela. De fato, homicídios resultantes de intervenção policial na cidade correspondem a 15,6% do total no estado.¹¹

4 Para informações mais detalhadas, consultar o Estatuto da Criança e da Adolescência (1990).

5 Para uma análise mais detalhada, consultar: Waiselfisz (2012).

6 Para uma análise mais detalhada, consultar: Schultz e Barros (2011).

7 A definição de pobreza utilizada pelo UNICEF é a seguinte: “Uma criança deve ser considerada pobre se o rendimento para ela disponível, partindo do princípio de que existe uma distribuição equitativa dos recursos no seio da família e tendo em conta a dimensão e composição da família, for inferior à metade do rendimento mediano disponível para as crianças dessa sociedade. UNICEF(2011), p.7.

8 Para informações mais detalhadas, consultar: UNICEF (2014). p. 35.

9 Para informações mais detalhadas, consultar: Geledes (2015). A execução de adolescentes no Rio e o vídeo da Unicef que ninguém viu. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-execucao-de-adolescentes-no-rio-e-o-video-do-unicef-que-ninguem-viu/>

10 Para informações mais detalhadas, consultar: UNICEF (sem data).

11 Para informações mais detalhadas, consultar: Anistia Internacional (2015).

De acordo com o Dossiê Criança e Adolescente, elaborado pelo Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP), o aumento de vitimização de crianças e adolescentes¹² ocorrida em flagrante foi superior ao de adultos.¹³ De 2010 a 2014, o número de vítimas menores de 18 anos aumentou em 46,7%, a imensa maioria, adolescentes (73,8% do total). Já o aumento de vítimas adultas cresceu em 24,4%.

A avaliação do ISP mostra ainda que a exposição ao crime passa a ser mais forte a partir dos 12 anos: quanto maior a idade, maior o número de vítimas. Entre os tipos de infrações que mais vitimaram crianças e adolescentes em flagrante estão lesões corporais (30,8%) e crimes contra o patrimônio (22,5%).¹⁴ Crimes contra a vida corresponderam a 1,8% do total. Por outro lado, considerando-se o total de vítimas, crianças e adolescentes correspondem a 70,3% das vítimas de crimes contra a dignidade sexual e 69,8% das vítimas de periclitamento da vida e da saúde.¹⁵

O medo da violência afeta ainda a educação: 310 escolas da cidade tiveram que fechar ao menos uma vez durante os anos letivos 2014-2015 em função de tiroteios e violência nas redondezas.¹⁶ Foram 128.915 alunos afetados, ou seja, 19,7% dos estudantes da rede de ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro. Entre as escolas mais afetadas estão aquelas localizadas na Zona Norte. Algumas chegaram a ter 49 aulas canceladas, perdendo 24,5 dias letivos.¹⁷ Relatos indicam que o processo de normalização e reprodução da violência pode já estar ocorrendo. Professoras relatam comportamentos violentos entre colegas e brigas.

Tais dados chamam atenção para a necessidade de uma melhor compreensão sobre as experiências pessoais e necessidades específicas de crianças e adolescentes em contextos frágeis a partir de sua percepção própria. Nesse contexto, o Índice de Segurança da Criança do Instituto Igarapé foi aplicado em crianças e adolescentes moradores do Complexo do Muquiço que são atendidos pelo Instituto Bola Pra Frente.



Crianças do ensino fundamental assistem a aulas. Crédito: ONU/ Eskinder Debebe

Aplicação do Índice de Segurança da Criança (ISC) no Complexo do Muquiço

O ISC é uma ferramenta simples de diagnóstico, mapeamento e que capta a percepção de crianças de comunidades carentes sobre a violência em seu dia a dia. A ferramenta é formada por um conjunto de indicadores cuidadosamente selecionado, capazes de identificar os impactos psicológicos, emocionais e físicos da insegurança sobre as crianças. Esses indicadores são traduzidos em mais ou menos 30 frases afirmativas, facilmente compreensíveis, que as crianças podem concordar ou discordar em uma escala que vai de 1 a 3, estabelecendo-se assim um resultado individual para o ISC.¹⁸

12 Os dados incluídos no dossiê consideram somente autuações em flagrante. O dossiê pressupõe que autuações em flagrante sejam um bom termômetro, embora correspondam a somente 7,5% do total de ocorrências.

13 Para informações mais detalhadas, consultar: Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (2015)

14 Ibid, p. 20.

15 Ibid, p. 21.

16 Para informações mais detalhadas, consultar: O Globo (2015). O Futuro na Linha do Tiro. 29 de novembro de 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/o-futuro-na-linha-do-tiro-18160985>.

17 Ibid.

18 Instituto Igarapé (2013).

O ISC foi aplicado entre novembro de 2014 e fevereiro de 2015 em 326 crianças e adolescentes, educandos do Instituto Bola Pra Frente. O trabalho de campo no Muquiço deu continuidade ao trabalho de campo qualitativo realizado no Rio de Janeiro (Cidade de Deus e Maré, em 2013) e ao trabalho quantitativo de aplicação do ISC, em Recife.¹⁹ Dessa forma, contou com um aplicativo aprimorado e um questionário adaptado com uma melhora nos fluxos de perguntas e a inclusão de novos módulos.



Treinamento para aplicação do ISC no Instituto Bola Pra Frente. Foto: Instituto Igarapé

A aplicação do ISC organizou-se a partir do projeto Clube de Proteção à Infância e Juventude, que busca identificar os muitos tipos de abusos – psicológicos, físicos, sexuais, negligências e explorações – a que crianças e adolescentes estão sujeitos. O objetivo é realizar um trabalho preventivo focado, que inclui a capacitação do seu quadro de funcionários para a percepção de possíveis casos de abusos e violências, para que o devido encaminhamento seja realizado se necessário.

O Instituto Bola Pra Frente foi inaugurado em 29 de junho de 2000. Situado em uma área de 11.570m², o Instituto atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, na faixa etária de 6 a 17 anos. A missão da organização é educar crianças, adolescentes, jovens e suas famílias para o protagonismo social, utilizando o esporte como principal ferramenta impulsionadora da construção de valores em prol da promoção social.



Educandos do Instituto Bola Pra Frente fazem aquecimento. Foto: Arquivo Instituto Bola Pra Frente

O Instituto Bola Pra Frente beneficia crianças e jovens de seis comunidades do Complexo do Muquiço – Coreia, Conjunto Presidente Vargas, Ferroviária, Vila Eugênia, Triângulo e Muquiço –, localizado entre os bairros de Guadalupe, Deodoro e Marechal Hermes, na Zona Norte do Rio de Janeiro. De acordo com censo realizado pela instituição, a região possui cerca de 6 mil moradores, dos quais foram recenseados 5.088, sendo 46,88% de homens e 53,13% de mulheres.²⁰ O censo mostrou ainda que uma importante parcela da população dessa região está desempregada, 25%. Apenas 20,5% possuem carteira assinada, 15,73% são aposentados e 10% são autônomos. É preocupante o nível de escolaridade. Entre jovens de 15 a 24 anos, 41,9% pararam de estudar. O analfabetismo atinge 26,28% dos jovens de 15 a 24 anos e 35,26% dos moradores de 25 a 59 anos.

A mulher é chefe de família em 71% dos domicílios do Complexo do Muquiço. Em 50% das casas há apenas um cômodo e 19% têm até dois cômodos. Apenas 19,8% dos entrevistados não relataram ter sofrido algum tipo de violência no local. Por outro lado, 24,5% relataram ferimentos por faca, 19,5% por espancamento e 12% por arma de fogo. Outros 15% relataram ter sido vítimas de violência causada por outros objetos.

19 Em Recife, o ISC foi aplicado em 1032 pessoas, das quais 326 eram crianças, 163 adolescentes, 329 pais de crianças menores de 8 anos e 214 adultos. Os dois últimos grupos foram informantes.

20 O censo realizado no Muquiço em 2008 visitou cerca de 1.600 domicílios, tendo validado 1.358 questionários, recenseando, no total, 5.088 moradores. Os questionários continham 112 perguntas voltadas para atualização de informações sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), renda per capita, ramo de trabalho, quantidade de moradores por gênero e por faixa etária, preferência esportiva, manifestações culturais mais presentes, opiniões sobre os equipamentos e serviços públicos disponíveis, dentre outros. O estudo contou ainda com uma equipe de técnicos da área de educação física, sociologia, geografia, estatística e comunicação.

Metodologia e desenho da pesquisa

Foram entrevistados crianças e jovens entre 8 e 17 anos, bem como pais de menores de 8 anos que frequentam o Instituto e outros adultos (com mais de 18 anos), como familiares e amigos de educandos. No total 213 educandos foram entrevistados, o que corresponde a 55% do total. Também foram entrevistados 55 pais e 35 adultos. A análise que se realizou a seguir consiste em uma sondagem exploratória, indicando as principais tendências com relação à percepção dos respondentes sobre a segurança da região.

Tabela 1: Amostra por faixa etária e sexo

	Sexo		Total
	F	M	
8-12 anos	55	83	138
13-17 anos	35	63	98
Pais de 0-7 anos	46	9	55
Adultos (18+)	23	12	35
Total	159	167	326

É importante notar que houve um número desproporcional de respondentes do sexo feminino entre os pais e um número desproporcional de respondentes do sexo masculino entre jovens e em menor medida entre crianças. Essa diferença está presente também no corpo discente do Instituto que conta com mais alunos do sexo masculino que feminino. No entanto, no caso dos pais, a análise de gênero pode ser enviesada. Reflete, contudo, o fato de que no geral são as mães que levam os filhos para matrícula no Instituto.

Os recenseadores eram profissionais do próprio Instituto Bola Pra Frente, inclusive educadores e funcionários do corpo administrativo. Alguns dos educadores realizaram entrevistas com sua própria turma, o que pode ter gerado um viés às respostas de algumas dessas crianças. No entanto, o feedback geral por parte daqueles que participaram da pesquisa foi bastante positivo e não houve relatos sobre desconforto por parte dos recenseadores ou dos entrevistados.



Crianças em momento de leitura antes da atividade física.

Foto: Arquivo Instituto Bola Pra Frente

A pesquisa seguiu os parâmetros de proteção, confidencialidade e consentimento. Foram obtidos consentimentos tanto de pais e responsáveis como das próprias crianças e dos jovens que participaram da pesquisa. Com vistas a garantir a proteção e confidencialidade dos entrevistados, a pesquisa foi realizada com cada um individualmente, nas próprias instalações do Instituto, como as salas de aula. Em alguns casos, particularmente com adultos e pais, as entrevistas foram realizadas ao ar livre.

Para garantir a confidencialidade, permitiu-se que alguns deles lessem as perguntas diretamente no celular para evitar que outras pessoas escutassem o conteúdo da entrevista ou a resposta do entrevistado. Os funcionários e educadores envolvidos com a pesquisa se comprometeram em não divulgar os resultados da pesquisa nem atribuir respostas individuais a ninguém. A experiência de autoaplicação do questionário foi positiva entre adolescentes e pode contribuir para diminuir o constrangimento do respondente vis à vis o recenseador. Entre crianças, não se recomenda a autoaplicação, especialmente em razão da dificuldade de ler e entender o questionário.



Recenseador aplica o ISC.

Foto: Instituto Igarapé

O questionário contou com 35 perguntas divididas em sete módulos.²¹ Cada um buscou identificar a percepção de crianças e jovens sobre a segurança em diferentes âmbitos, em especial em casa, na comunidade, em diferentes espaços e com relação a pessoas, como familiares, vizinhos e policiais. Além disso, incluiu-se um módulo sobre resiliência, outro sobre diferentes tipos de violência e, finalmente, um módulo do próprio Bola pra Frente. O último foi um indicador de percepção sobre a rede de proteção do Instituto Bola Pra Frente.

O módulo Casa busca captar a percepção sobre a segurança no ambiente familiar, enquanto o da escola, no ambiente escolar. O módulo Comunidade avalia a vivência da segurança ou falta dela no local em que moravam os entrevistados e, finalmente, o módulo Pessoas refere-se à vivência de proteção com relação a outras pessoas. O módulo Resiliência visa a capacidade desse grupo de se recompor diante de adversidades e se manter otimista com relação a seu futuro. Trata-se de uma análise-chave para o impacto de projetos sociais focados em infância e juventude.

Por fim, o módulo sobre violências merece especial atenção. O piloto no Complexo do Muquiço, em parceria com o Instituto Bola Pra Frente, foi o primeiro levantamento em que esse módulo foi aplicado, pois surgiu da necessidade de aferir-se com maior precisão a concepção de violência para crianças e jovens e, dessa forma, produzir insumos para melhor protegê-los. O módulo, que indica a percepção sobre o que é a violência, avalia cinco perspectivas principais: agressão verbal (xingar), ausência de atenção e cuidado (abandono), agressão física (bater), abuso de natureza sexual (ser tocado sem permissão) e, finalmente, punições em forma de castigo (particularmente ficar preso em casa ou no quarto sem poder sair).



Crianças jogam futebol em quadra da comunidade.
Foto: Arquivo Instituto Bola Pra Frente

Resultados preliminares: A sensação de (in)segurança no Complexo do Muquiço

A aplicação do ISC aos educandos e adultos frequentadores do Instituto Bola Pra Frente mostrou que foram poucos os entrevistados que reportaram altos índices de insegurança em qualquer um dos módulos. Como era de se esperar, o módulo Casa captou os maiores níveis de segurança entre os entrevistados, enquanto o módulo sobre a comunidade apresentou os maiores índices de insegurança. Além disso, a percepção de insegurança aumenta com a idade. Importantes diferenças entre os sexos também foram observadas entre adolescentes, particularmente no que tange a tipos específicos de violência, como a violência sexual (entre meninas).

É importante considerar, no entanto, que a amostra selecionada refere-se a um perfil específico. Afinal, para participar das atividades desenvolvidas no Bola Pra Frente, crianças e adolescentes devem, necessariamente, estar matriculados em escolas públicas e precisam que pais e responsáveis façam sua matrícula. Logo, verifica-se que os educandos e familiares entrevistados podem já fazer parte de uma amostra em que se observa uma mínima preocupação com a proteção e a segurança de crianças e adolescentes.

De maneira geral, como mencionado, a casa é o local onde os menores índices de insegurança foram identificados. Nesse ambiente, quase 80% dos entrevistados de todas as faixas etárias afirmaram se sentir seguros. Por outro lado, menos de 50% dos entrevistados afirmaram se sentir seguros na comunidade e somente 55,8% afirmaram sempre se sentir seguros na escola. A percepção de proteção quando próximos a certas pessoas não ultrapassou os 55%, e a resiliência, ou a capacidade de adaptar-se a condições adversas, é alta em todas as idades.

²¹ Para o questionário completo, ver Anexo 1.

A análise por faixa etária, no entanto, suscita importantes considerações. A primeira delas é que o nível de insegurança tende a aumentar com a idade. Em alguns módulos a diferença é marcante. Por exemplo, enquanto 80-86% de crianças e jovens reportaram baixos níveis de insegurança em casa, somente 28,6% dos adultos o fizeram. Nesse caso, a maioria dos adultos reportou níveis médios de insegurança (65%), respondendo “às vezes” para a maioria das frases sobre a ocorrência de violência nesses âmbitos.

Resultado similar foi observado nas escolas, com cerca de 60% entre crianças e jovens reportando altos níveis de segurança nas escolas e somente 20% dos adultos respondendo da mesma forma. Essas diferenças podem indicar uma maior preocupação dos adultos com a segurança das crianças, embora a mesma tendência não seja observada entre pais e mães.

Tabela 2: Porcentagem de entrevistados que reportaram baixos níveis de insegurança por tema e idade

	8 a 12 anos	13 a 17 anos	Pais de 0-7	Adultos	Todos
Comunidade	58,70%	50%	32,73%	25,71%	48,16%
Casa	80,43%	86,73%	89%	28,57%	78,22%
Escola	59,42%	62,24%	58,18%	20%	55,83%
Pessoas	65,22%	46,94%	41,82%	28,57%	48,16%
Resiliência	96,38%	91,84%	100%	65,71%	48,16%

Tabela 3: Porcentagem de entrevistados que reportaram baixos níveis de insegurança por sexo e faixa etária

		8 a 12 anos	13 a 17 anos	Pais de 0-7	Adultos
Comunidade	F	49,09%	22,8%	30,4%	30,4%
	M	65%	65%	44,4%	16,6%
Casa	F	78,1%	74,2%	86,9%	39,1%
	M	81,9%	93,6%	100%	8,3%
Escola	F	65,4%	57,1%	52,1%	17,3%
	M	55,4%	65,1%	88,8%	25%
Pessoas	F	63,6%	31,4%	43,4%	17,3%
	M	66,2%	55,56%	33,3%	50%
Resiliência	F	94,5%	91,4%	100%	56,5%
	M	97,55%	92%	100%	83,3%

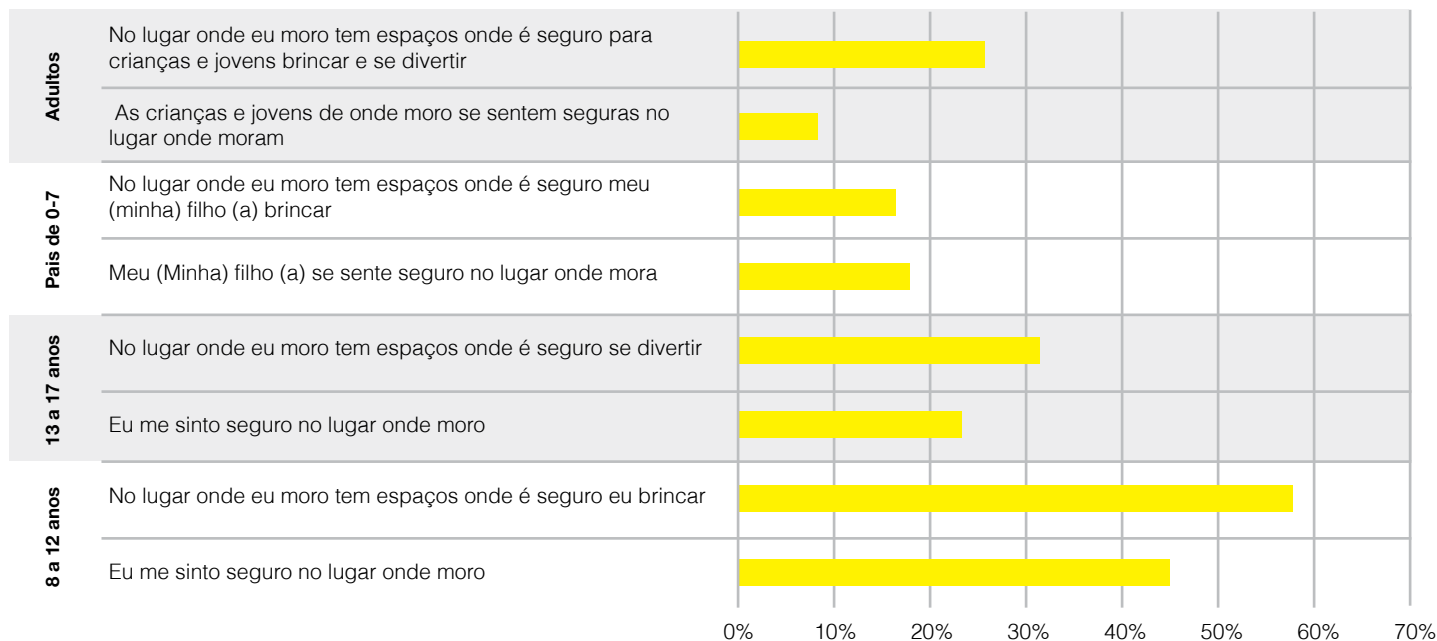
De forma geral, a comunidade é apontada entre todos os grupos etários como o local onde os índices de segurança são os menos elevados. Como destacado anteriormente, a percepção de segurança tende a ser consideravelmente menor entre os entrevistados mais velhos. Por exemplo, 44,3% das crianças entre 8 e 12 anos concordam que se sentem seguras na comunidade onde moram. Entre os entrevistados de 13 a 17, a porcentagem é de 23,5%. Em contraste, para os adultos com e sem filhos as porcentagens são de 18,2% e 8,6% respectivamente.

Tamanha discrepância entre os diferentes grupos etários também permanece com relação aos espaços públicos para o lazer. Entre as crianças, 58% afirmam existir espaços seguros para brincar em suas comunidades. Já entre os adultos com filhos, apenas 16,3% consideram seguros os espaços em que os seus filhos brincam. Esses resultados sugerem que os adultos se preocupam mais com a segurança das crianças do que elas próprias. Finalmente, merece destaque o fato de que, de maneira geral, os meninos sentem-se mais seguros do que as meninas nas comunidades onde vivem, independente da faixa etária.

Chama a atenção também o medo de carros, motos e bicicletas, bastante marcado entre crianças de 8 a 12 anos (25,4%). Trata-se de uma importante constatação, já que o medo da rua poderia se concentrar mais em questões relacionadas ao trânsito desordenado, comum nessas comunidades, do que nas relacionadas à violência interpessoal, ao menos entre os mais jovens. Ao mesmo tempo, algumas ruas do bairro estão entre as que possuem maior número de assaltos na cidade do Rio de Janeiro.²² O uso de cancelas e seguranças para inibir a ação de criminosos é também observado.²³

Merece especial atenção a desconfiança em relação a agentes de segurança. O contexto específico do Rio de Janeiro, em que incursões ostensivas em comunidades são comuns, agrega um importante elemento de análise. Na realidade, a força policial brasileira é a que mais mata no mundo.²⁴ Estima-se que, em 2014, cerca de 15,6% dos homicídios no Rio de Janeiro foram ocasionados por um policial.²⁵ E, o que é pior, o índice de impunidade envolvendo essas mortes é também bastante alto.

Gráfico 1: Exemplos de perguntas sobre o grau de segurança nas comunidades



22 Para informações mais detalhadas, consultar: Instituto Bola Pra Frente (2015).

23 Para informações mais detalhadas, consultar: O Dia (2015). Moradores fecham ruas para se proteger em Guadalupe. 17 de outubro de 2015. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-10-17/moradores-fecham-ruas-para-se-proteger-em-guadalupe.html>.

24 Para informações mais detalhadas, consultar: O Globo (2015). Força policial brasileira é a que mais mata no mundo, diz relatório. 7 de setembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2015/09/forca-policial-brasileira-e-que-mais-mata-no-mundo-diz-relatorio.html>

25 Para informações mais detalhadas, consultar: Anistia Internacional (2015).

Nesse contexto, 17% das crianças e 26,5% dos adolescentes responderam que nunca se sentem protegidos por policiais. Entre pais, esta proporção alcança os 38% e, entre adultos, 34,2%. E o que é marcante: 41,2% das mães responderam que seus

filhos nunca se sentem protegidos pela polícia. É importante observar também que 7% das crianças e adolescentes, 5% dos pais e 11,4% dos adultos reportaram ter confiança em pessoas que se envolvem com atividades criminosas.

Gráfico 2: Porcentagem de pessoas que responderam "nunca" à frase "Eu me sinto protegido pela polícia"

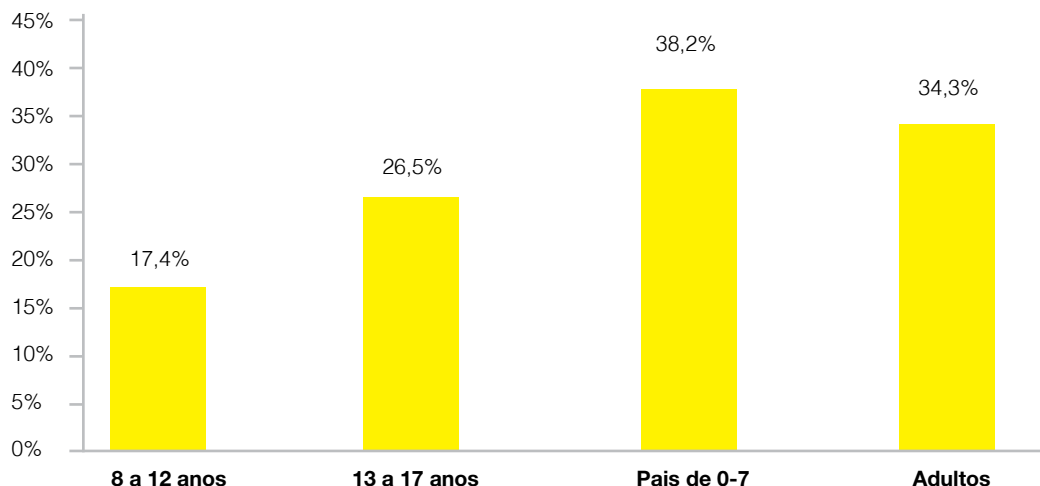
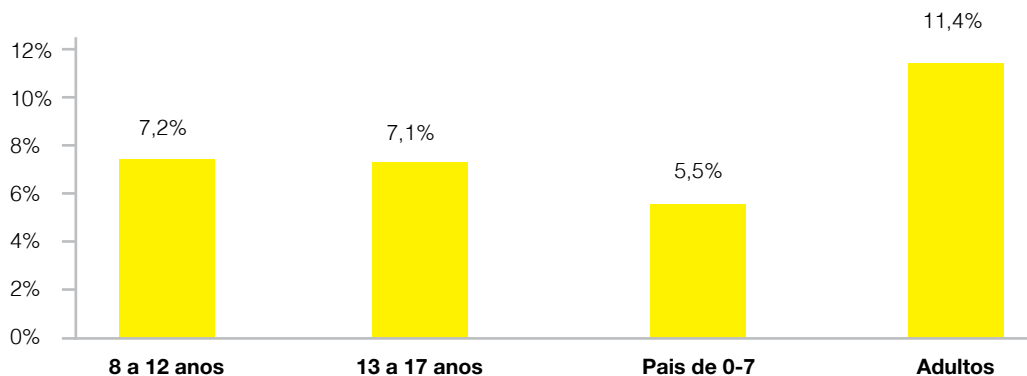


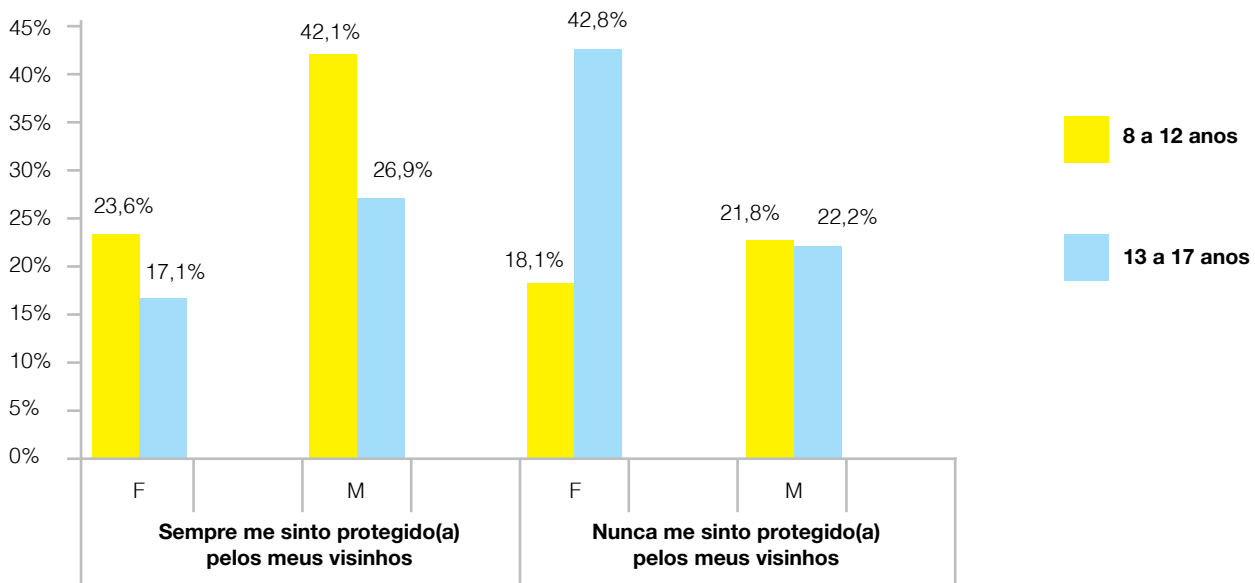
Gráfico 3: Porcentagem de pessoas que responderam "sempre" à frase "Eu me sinto protegido pelo traficante"



Também merece destaque a percepção de que é baixa a sensação de proteção pelos vizinhos. Ainda que 34,3% das crianças tenham afirmado se sentir protegidas por eles, entre os adolescentes e pais a proporção cai para 23%. Esse elemento levanta importantes considerações a respeito do senso de comunidade nesses locais. Vale notar ainda uma importante diferença, entre crianças e adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino, sobre a sensação de proteção pelo vizinho. Conforme

exposto na Figura 4, apenas 24% das meninas de 8 a 12 anos disseram se sentir protegidas por seus vizinhos. Entre os meninos, a proporção sobe para 42%. Já entre as adolescentes, 43% das entrevistadas reportaram que nunca se sentem protegidas por vizinhos, diferentemente dos 22% dos adolescentes que deram a mesma resposta. Trata-se de uma diferença já observada no estudo piloto anterior do ISC - aplicado em Recife em junho de 2014 - e que parece ser recorrente.

Gráfico 4: Percepção de crianças e adolescentes sobre a proteção vivenciada em relação aos vizinhos, por gênero



Abusos de ordem verbal ou mesmo gestos de natureza sexual são comuns contra mulheres e meninas. Nesse sentido, um importante *feedback* do ISC em termos de políticas públicas é atentar para estes comportamentos, que contribuem sobremaneira para a sensação de insegurança (real e percebida).

Além da casa, a escola parece ser um dos ambientes em que os entrevistados se sentem mais seguros. É interessante notar que o sentimento de segurança no ambiente escolar é consideravelmente mais elevado para as crianças (66,7%) do que para os adolescentes (37,8%). Em todas as faixas etárias, a percepção a respeito dos professores é bastante positiva. Por exemplo, 85,5% das crianças e 89% dos adolescentes reportaram que não perdem aulas por conta de punições duras e/ou ofensas por parte de professores.

Por outro lado, observa-se que existe a percepção de que aulas são canceladas em razão de violência em todos os grupos etários. Essa observação vai ao encontro dos dados sobre o fechamento de escolas e cancelamento de aulas já comentados anteriormente. Entre os entrevistados de 8 a 12 anos, 24,6% acreditam que suas escolas cancelam aulas por causa de problemas como tiroteio e confusão na rua. Entre os entrevistados de 13 a 17 anos, os pais e os adultos, as porcentagens são, respectivamente, 13,3%, 25,4% e 31,4%.

Ao mesmo tempo, uma considerável parcela dos entrevistados reportou nunca sofrer ameaças ou ser vítima de agressões físicas e verbais no ambiente escolar. Especificamente, foram 64,5% das crianças e 83,7% dos adolescentes. Trata-se de uma conclusão bastante interessante se tomada no contexto das crescentes preocupações com *bullying* e violência nas escolas. Segundo enquête da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil lidera o ranking de violência contra professores.²⁶ No estudo, 12,5% dos professores brasileiros ouvidos disseram ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana. Trata-se do índice mais alto entre os 34 países pesquisados - a média entre eles é de 3,4%. O Brasil é seguido pela Estônia (11%) e pela Austrália (9,7%).

Embora o resultado entre os moradores do Complexo do Muquição seja apenas indicativo, um trabalho qualitativo aprofundado sobre práticas de violência em escolas cariocas pode elucidar se essas percepções se fundamentam em alguma política - bem sucedida - contra práticas de violência em ambientes escolares. Os estudos complementaríamos as análises sobre o cancelamento de aulas em função da violência e poderiam gerar importantes conclusões sobre a normalização da violência e sua replicação.

26 Para informações mais detalhadas, consultar: BBC (2014). Pesquisa põe Brasil no topo de ranking de violência contra professores. 28 de agosto de 2014. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140822_salasocial_eleicoes_ocde_valorizacao_professores_brasil_daniela_rw.

Gráfico 5: Porcentagem de crianças e jovens que responderam "nunca"

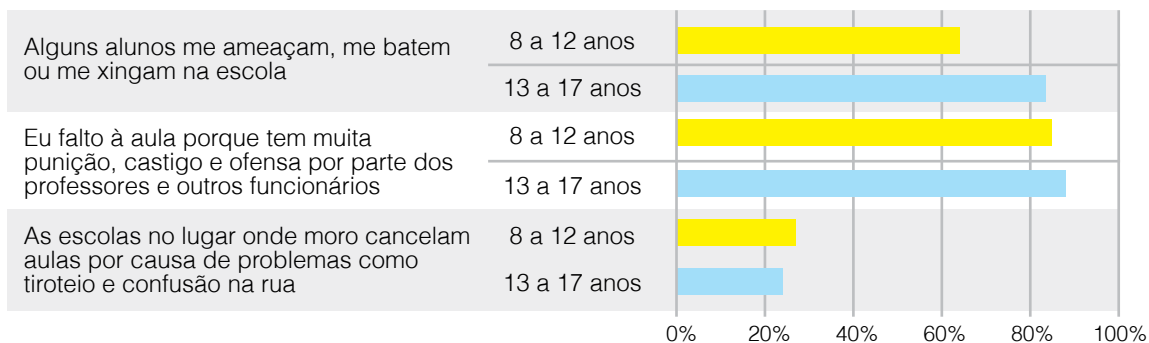
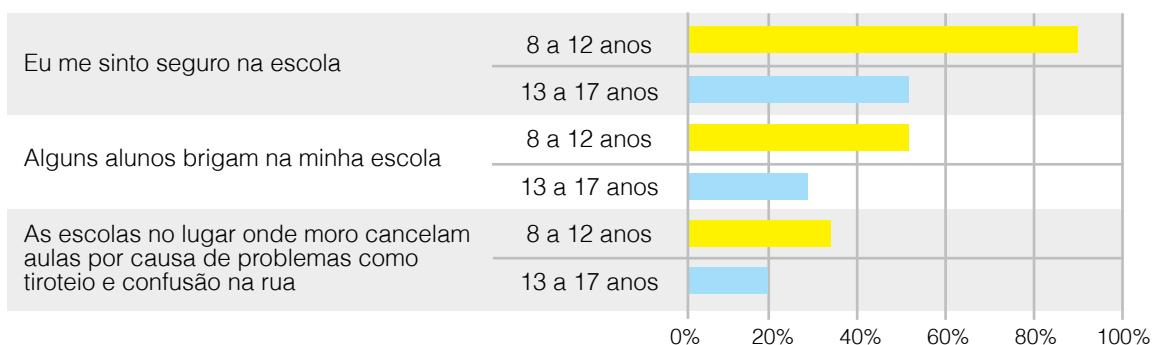


Gráfico 6: Porcentagem de crianças e jovens que responderam "sempre"



A análise do questionário de acordo com os diferentes módulos destaca ainda a incrível resiliência entre crianças e jovens. Resiliência refere-se ao processo por meio do qual uma adaptação positiva ocorre em um contexto de adversidade e desvantagem.²⁷ O estudo desse processo em crianças é particularmente importante. Pode indicar fatores de proteção que contribuem para que crianças em áreas consideradas “de risco” se adaptem positivamente a situações adversas. Do ponto de vista das políticas públicas, promover esses fatores protetores pode ser chave para tratar da violência e suas causas.

Nesse quesito, chama a atenção o otimismo com relação ao futuro. Entre as crianças e adolescentes entrevistados, 96% e 82% acreditam que serão muito felizes quando forem maiores. A grande maioria dos pais (93%) também acredita que seus filhos serão felizes quando crescerem. É igualmente válido destacar a capacidade de ação das crianças e dos adolescentes em situação de perigo: 78% e 68%, respectivamente, afirmam saber o que fazer quando sentem que estão em perigo.

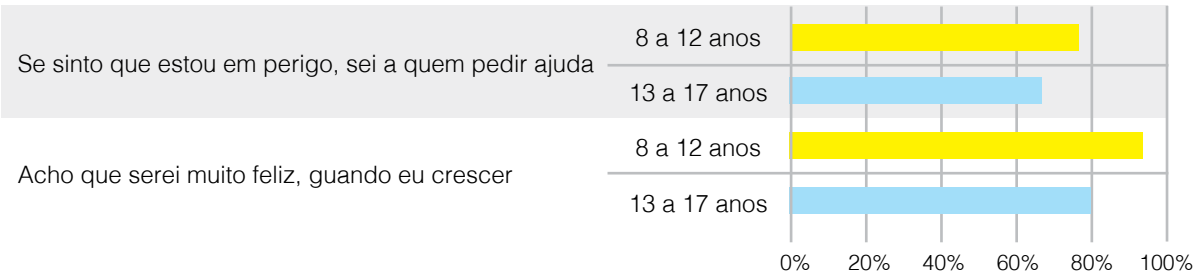


Crianças e treinadora no Instituto Bola Pra Frente.
Foto: Arquivo Instituto Bola Pra Frente

Observa-se portanto, que, apesar do contexto adverso, esses respondentes se mantêm bastante otimistas a respeito do seu futuro, do papel de sua família com seu cuidado e, em grande maioria, afirmam ter consciência do que fazer em caso de perigo.

²⁷ Para uma análise mais detalhada, consultar: Wright, Masten e Narayan (2013).

Gráfico 7: Porcentagem de respondentes que responderam “sempre”



O estudo piloto no Complexo do Muquiço mostrou ainda que, de maneira geral, crianças e jovens consideram agressões físicas e verbais como as principais formas de violência. Ao mesmo tempo, um elevado número de crianças e jovens afirmou que apanham com frequência ou ocasionalmente se fazem algo errado. Um estudo mais aprofundado sobre se fazem uma distinção entre apanhar como punição e como violência se faz necessário. Vale notar ainda que a ausência de cuidados não é vista pela maioria dos respondentes como violência, especialmente entre jovens.

Chama a atenção também o fato de que ter o corpo tocado sem permissão, em alusão a abusos de natureza sexual, foi qualificado pela maioria como forma de violência. Mais importante ainda é notar a diferença entre respondentes do sexo masculino e feminino. Entre crianças de 8 a 12 anos, 80% das meninas responderam que ser tocado sem permissão é sempre uma forma de violência, em contraste a 60% dos meninos. A proporção entre adolescentes é similar: 80% entre jovens do sexo feminino e 63% do sexo masculino.

Tabela 4: Entrevistados que reportaram que as seguintes situações são “sempre” formas de violência.

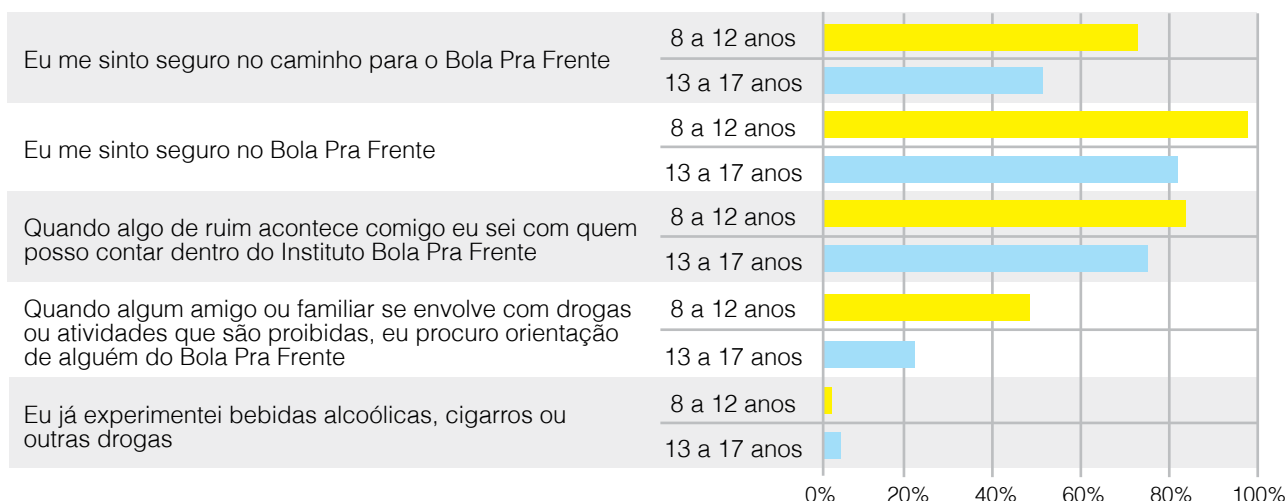
	8 a 12 anos	13 a 17 anos	Pais (0-7)	Adultos
Agressão verbal (xingar)	73,91%	64,29%	61,82%	45,71%
(Falta de) Atenção e cuidado	31,16%	14,29%	32,73%	25,71%
Agressão física (bater)	82,61%	69,39%	74,55%	62,86%
Abuso sexual (tocar o corpo)	68,12%	69,39%	80,00%	65,71%
Castigo (ficar sem sair)	32,61%	36,73%	47,27%	31,43%

Módulo Bola Pra Frente

O módulo Instituto Bola Pra Frente teve como objetivo capturar a percepção de educandos e pais sobre a rede de proteção vivenciada por crianças e jovens que frequentam a instituição. Observou-se que, para todas as faixas etárias, a percepção é bastante positiva. Notou-se, por exemplo, que cerca de 90% dos respondentes sentem-se seguros no Instituto e que sabem a quem procurar na instituição se precisam de ajuda. Uma importante diferença entre as faixas etárias foi observada para a pergunta sobre buscar ou não orientação do Instituto caso algum parente ou amigo se envolva com drogas ou atividades ilícitas: 44% das crianças reportaram

que buscariam orientação dos profissionais do Instituto. Esse número caiu consideravelmente entre adolescentes (21%), pais (23%) e adultos (17%). Ainda assim, a confiança nos profissionais para tratar de questões para além da educação e atividades recreativas é digna de nota.

Gráfico 8: Porcentagem de respostas “sempre”



Lições aprendidas e o olhar para o futuro

A aplicação do Índice de Segurança da Criança no complexo do Muquiço/RJ contribuiu para o aprimoramento do aplicativo como ferramenta de coleta de informações sobre como a violência e a insegurança afetam o dia a dia de crianças e adolescentes. Ao mesmo tempo, contribuiu para um melhor entendimento da percepção de educandos do Bola pra Frente sobre seu entorno, suscitando importantes dados a serem considerados por sua equipe administrativa e de professores. No âmbito do projeto Clube de Proteção à Infância e Juventude, o piloto - que pela primeira vez incluiu um módulo sobre diferentes tipos de violências - suscitou importantes *insights* sobre tipos de violência que mais importam a seus alunos, como a violência física, verbal e até sexual.

É importante notar que se considerou necessário alterar a formulação das perguntas sobre violências, evitando-se o uso dessa palavra e a substituindo por outra expressão que suscite a ideia de que bater ou xingar é errado. Dessa forma, evita-se o uso de vocabulário pesado com esse público que já é vulnerável.

Além disso, a pesquisa realizada não abarcou a totalidade dos alunos do Instituto. No entanto, a amostra foi bastante significativa, já que mais da metade dos alunos (55%) foram entrevistados. Os resultados, portanto, devem ser analisados como uma sondagem exploratória. Além disso, uma vez que a pesquisa foi aplicada no próprio Instituto, o mapeamento geográfico dos níveis de segurança de acordo com cada entrevistado não pôde ser realizado. Nesse sentido, uma pesquisa por amostra de domicílio ofereceria melhor entendimento sobre as dinâmicas de insegurança nos bairros atendidos pela instituição.

Vale ainda destacar que a autoaplicação do questionário por adolescentes foi positiva e pode ser considerada como forma de evitar qualquer constrangimento dos respondentes frente a um recenseador. No entanto, a autoaplicação por crianças de 8 a 12 anos pode não ser eficaz por vários motivos, especialmente em razão da dificuldade de ler o questionário e/ou manusear o celular. O próximo piloto, a ser aplicado em bairros da cidade de São Paulo por parceiros diferentes, permitirá testar os novos aprimoramentos do aplicativo, particularmente a reformulação do módulo Violências.



Educando do Instituto Bola Pra Frente.
Foto: Arquivo Bola Pra Frente

Reflexões finais

A violência na cidade do Rio de Janeiro (e suas consequências) é retratada com frequência nos principais meios midiáticos ao redor do mundo. A percepção dos cariocas a respeito da segurança na cidade, como é de se esperar, é bastante negativa. A aplicação do ISC em crianças, jovens e adultos frequentadores do Instituto Bola Pra Frente levantou importantes questões sobre os níveis de insegurança na região em que a entidade se localiza, o Complexo do Muquiço, na Zona Norte da cidade. Reforçaram-se, por exemplo, dados sobre a violência em ambientes escolares, que apontam que 128.915 alunos da rede de ensino da prefeitura do Rio de Janeiro foram afetados pelo cancelamento de aulas relacionado à violência.²⁸ A aplicação do ISC também tornou evidente os altos níveis de violência policial na cidade encontram reflexos na baixa confiança dos respondentes na figura do policial.

Por outro lado, a resiliência desses moradores, em particular entre crianças e jovens, deve ser explorada. O investimento em programas sociais deve focar nesse público, que ainda acredita em seu futuro. A aplicação do ISC em outros bairros vulneráveis da cidade, como o Complexo da Maré, Rocinha, Cidade Deus, entre outros, em parceria com organizações de base que atuam nesses locais, poderá oferecer dados valiosos para a formulação de políticas públicas na cidade, que é hoje foco de atenção nacional e internacional.

A realização de megaeventos na cidade, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, atrairá importantes investimentos e turistas. Ao mesmo tempo, atrairá ameaças tangíveis contra esse grupo. Faz-se necessário fortalecer as redes de proteção de crianças e jovens e investir na prevenção da violência. A aplicação do ISC em larga escala poderá contribuir para informar esses programas, mas, para tanto, métodos robustos de amostragem e pesquisa a domicílio também serão necessários, além dos já utilizados.

²⁸ Para informações mais detalhadas, consultar: O Globo (2015). O futuro na linha do tiro. 29 de novembro de 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/o-futuro-na-linha-do-tiro-18160985>.

Referências

- Anistia Internacional (2015). *'Você matou meu filho!': homicídios cometidos pela Polícia Militar na cidade do Rio de Janeiro*. Disponível em: https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Voce-matou-meu-filho_Anistia-Internacional-2015.pdf.
- Áries, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Saraiva.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BBC (2014). "Brasil lidera ranking de violência nas escolas". 28 de agosto de 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140822_salasocial_eleicoes_ocde_valorizacao_professores_brasil_daniela_rw.
- Cardia, N., Lagatta, P. e Affonso, C. (2012). *Assessment of Child Maltreatment Prevention Readiness. Country Report Brazil*. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV-USP) Disponível em: <http://www.nevusp.org/downloads/down266.pdf>.
- Faleiros, V. (1995). "Infância e processo político no Brasil." In: Pillotti, F.; e Rizzinni, I. (Orgs.). *A arte de governar crianças. A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano DelNiño/Santa Úrsula/Amais Livraria e Editora.
- ISP - Instituto de Segurança Pública (2015). *Dossiê Criança e Adolescente*. Rio de Janeiro: Riosegurança. Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/DossieCriancaAdolescente2015.pdf.
- Instituto Bola Pra Frente (2015). *Relatório de Campo ISC: aplicação do Índice de Segurança da Criança*. Rio de Janeiro: Instituto Bola Pra Frente.
- Instituto Igarapé (2013). *Guia do Índice de Segurança da Criança*. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé. Disponível em: https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2014/04/CSI.FAQ.PT_2.pdf
- Instituto Igarapé (2016). *Índice de Segurança da Criança*. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé. Disponível em: <https://igarape.org.br/indice-de-seguranca-da-crianca/>
- Marcilio, M. L. (1997). "A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil colonial: 1726-1950." In: Freitas, M. C. (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Mostue, H.; Giannini, R.; e Aguirre, K. (2015). 'When kids call the shots': *Testing a Child Security Index in Recife, Brazil*. Artigo Estratégico 18. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé. Disponível: http://www.igarape.org.br/wp-content/uploads/2015/12/AE-18_CSI-Recife_EN-27-11_2.pdf.
- Moestue, H. e Muggah, R. (2014). *Digitally enhanced child protection: How technology can help prevent violence against children in the Global South*. Artigo Estratégico 10. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé. Disponível em <http://igarape.org.br/wpcontent/uploads/2014/11/Artigo-estrategico-10-ChildProtection-4.pdf>.
- Moestue, H. e Muggah, R. (2012). "Preventing violence against children in fragile and conflict-affected settings: a 'child security index'". *Early Childhood Matters*, 119 (11), p.26-32. Disponível em - <http://igarape.org.br/preventing-violence-againstchildren-in-fragile-and-conflict-affected-settings-achild-security-index/>
- Pinheiro, P. S. (2006). *World Report on Violence against Children*. Genebra: United Nations Secretary General's Study on Violence against Children. Disponível em: <http://www.unicef.org/violencestudy/reports.html>.
- Presidência da República (1990). *Estatuto da Criança e da Adolescência*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm
- Schultz, E. e Barros, S. (2011). "A concepção de infância ao longo da história no Brasil contemporâneo". Ponta Grossa: *Revista de Ciências Jurídicas*.
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância (2014). *Hidden in Plain Sight: a Statistical Analysis of Violence Against Children*. Disponível em: http://files.unicef.org/publications/files/Hidden_in_plain_sight_statistical_analysis_EN_3_Sept_2014.pdf.
- UNICEF (2011). *Pobreza Infantil nos Países Ricos 2005*. Disponível em: https://www.unicef.pt/18/report_card_6_port_final.pdf

Waiselfisz, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Flacso. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Crianças_e_Adolescentes.pdf

Wright, M.; Masten A. e Narayan, A. (2013). "Resilience Processes in Development: Four Waves of Research on Positive Adaptation in the context of Adversity" In: S. Goldstein; e R. B. Brooks (eds). *Handbook of Resilience in Children*, Nova York: Springer.

Anexo I - Questionário

MÓDULO CASA

Indicador: percepção sobre a segurança no ambiente familiar

1. Eu me sinto protegido na minha casa
2. Eu fico acompanhado de alguém responsável quando estou em casa
3. Na minha casa, se eu fizer algo errado eu apanho
4. As pessoas na minha casa batem umas nas outras
5. As pessoas na minha casa gritam e xingam umas às outras

MÓDULO ESCOLA

Indicador: percepção sobre segurança na escola

1. Eu me sinto seguro na escola
2. Alguns alunos brigam na minha escola
3. Alguns alunos me ameaçam, me batem ou me xingam na escola
4. Eu falto à aula porque tem muita punição, castigo e ofensa por parte dos professores e outros funcionários
5. As escolas no lugar onde moro cancelam aulas por causa de problemas como tiroteio e confusão na rua

MÓDULO COMUNIDADE

Indicador: percepção sobre segurança no local onde mora

1. Eu me sinto seguro no lugar onde moro
2. As crianças do lugar onde eu moro têm muitas chances de crescer e ter uma vida boa
3. No lugar onde eu moro tem espaços onde é seguro eu brincar
4. Se tem um problema (desastre ou perigo) no lugar onde eu moro, eu sei o que tenho que fazer
5. Eu tenho medo de carros, motos e bicicletas quando estou na rua

MÓDULO PESSOAS SEGURAS

Indicador: percepção sobre a proteção vivenciada em relação a outras pessoas

1. Eu me sinto seguro na casa de outras pessoas
2. Eu me sinto protegido pelas pessoas da minha família
3. Eu me sinto protegido (a) pelos meus vizinhos
4. Eu me sinto protegido (a) pela polícia
5. Eu me sinto protegido (a) pelas pessoas no lugar onde moro que participam de atividades que são proibidas/que não são permitidas

MÓDULO VIOLÊNCIA

Indicador: percepção sobre o que é violência

1. Eu acho que gritar e xingar as pessoas é muito errado.
2. Eu acho que ficar sem cuidado (ou ficar sozinho) é muito errado.
3. Eu acho que bater nas pessoas é muito errado.
4. Eu acho que ter o corpo tocado sem permissão é muito errado.
5. Eu acho que ficar preso no quarto ou em casa é muito errado.

MÓDULO EU MESMO

Indicador: percepção sobre bem estar

1. Se eu sinto que estou correndo perigo, eu sei pra quem posso pedir ajuda
2. Quando fico doente meus pais ou responsáveis me levam ao médico
3. Eu me sinto amado/bem tratado pelos meus pais / responsáveis
4. Eu acho que serei muito feliz, quando eu crescer
5. Eu ou alguém da minha família já precisou recorrer a delegacias, hospitais e outros locais de assistência por causa de algum tipo de violência

MÓDULO INSTITUTO BOLA PRA FRENTE

Indicador: percepção sobre a proteção vivenciada no Instituto Bola pra Frente

1. Eu me sinto seguro no caminho para o Bola pra Frente
2. Eu me sinto seguro no Bola pra Frente
3. Quando algo de ruim acontece comigo eu sei com quem posso contar dentro do Instituto Bola Pra Frente
4. Quando algum amigo ou familiar se envolve com drogas ou atividades que são proibidas, eu procuro orientação de alguém do Bola Pra Frente
5. Eu já experimentei bebidas alcoólicas, cigarros ou outras drogas

Outras publicações do Instituto Igarapé

ARTIGOS ESTRATÉGICOS

ARTIGO ESTRATÉGICO 20

Making Cities Safer: Citizen Security Innovations from Latin America

Robert Muggah, Ilona Szabo de Carvalho, Nathalie Alvarado, Lina Marmolejo e Ruddy Wang
(Junho de 2016)

ARTIGO ESTRATÉGICO 19

Construindo Planos Nacionais de Ação eficazes: coletânea de boas práticas

Renata A. Giannini
(Março de 2016)

ARTIGO ESTRATÉGICO 18

“When Kids Call the Shots” Children’s perceptions on violence in Recife, Brazil, as per the ‘Child Security Index’

Helen Moestue, Katherine Aguirre e Renata A. Giannini
(Dezembro de 2015)

ARTIGO ESTRATÉGICO 17

Where is Latin America? Reflections on Peace, Security, Justice and Governance in the Post-2015 Sustainable Development Agenda

Renata A. Giannini
(Outubro 2015)

ARTIGO ESTRATÉGICO 16

Políticas de Drogas no Brasil: A Mudança já Começou

Ilona Szabó de Carvalho e Ana Paula Pellegrino
(Março de 2015)

ARTIGO ESTRATÉGICO 15

Nuevos retos y nuevas concepciones de la seguridad en México

Edición especial de los Diálogos por la Seguridad Ciudadana
(Março de 2015)

ARTIGO ESTRATÉGICO 14

A ‘Third Umpire’ for Policing in South Africa – Applying Body Cameras in the Western Cape

David Bruce e Sean Tait
(Março de 2015)

ARTIGO ESTRATÉGICO 13

Brazil and Haiti: Reflections on 10 Years of Peacekeeping and the Future of Post-2016 Cooperation

Eduarda Passarelli Hamann (org.)
(Janeiro de 2015)

ARTIGO ESTRATÉGICO 12

Measurement Matters: Designing New Metrics for a Drug Policy that Works

Robert Muggah, Katherine Aguirre e Ilona Szabó de Carvalho
(Janeiro de 2015)

ARTIGO ESTRATÉGICO 11

Desconstruindo a segurança cibernética no Brasil: ameaças e respostas

Gustavo Diniz, Robert Muggah e Misha Glennly
(Dezembro de 2014)

ARTIGO ESTRATÉGICO 10

Expansão Digital: como as novas tecnologias podem prevenir a violência contra crianças nos países do hemisfério sul

Helen Mostue e Robert Muggah
(Novembro de 2014)

ARTIGO ESTRATÉGICO 9

Promover Gênero e Consolidar a Paz: A Experiência Brasileira

Renata A. Giannini
(Setembro de 2014)

ARTIGO ESTRATÉGICO 8

Tornando as Cidades Brasileiras mais Seguras: Edição Especial dos Diálogos de Segurança Cidadã

Michele dos Ramos, Robert Muggah, José Luiz Rattton, Clarissa Galvão, Michelle Fernandez, Claudio Beato, Andréa Maria Silveira, Melina Ingrid Risso e Robson Rodrigues.

(Julho de 2014)

ARTIGO ESTRATÉGICO 7

Changes in the Neighborhood: Reviewing Citizen Security Cooperation in Latin America

Robert Muggah e Ilona Szabó de Carvalho

(Março de 2014)

ARTIGO ESTRATÉGICO 6

Prevenindo a violência na América Latina por meio de novas tecnologias

Robert Muggah e Gustavo Diniz

(Janeiro de 2014)

ARTIGO ESTRATÉGICO 5

Protegendo as Fronteiras: o Brasil e sua estratégia "América do Sul como prioridade" contra o crime organizado transnacional

Robert Muggah e Gustavo Diniz

(Outubro de 2013)

ARTIGO ESTRATÉGICO 4

To Save Succeeding Generations: UN Security Council Reform and the Protection of Civilians

Conor Foley

(Agosto 2013)

ARTIGO ESTRATÉGICO 3

Momento Oportuno: Revisão da Capacidade Brasileira para Desdobrar Especialistas Civis em Missões Internacionais

Eduarda Passarelli Hamann

(Janeiro 2013)

ARTIGO ESTRATÉGICO 2

A Fine Balance: Mapping Cyber (in)security in Latin America

Gustavo Diniz e Robert Muggah

(Junho 2012)

ARTIGO ESTRATÉGICO 1

Mecanismos Nacionais de Recrutamento, Preparo e Emprego de Especialistas Civis em Missões Internacionais

Eduarda Passarelli Hamann

(Maio 2012)

NOTAS ESTRATÉGICAS**NOTA ESTRATÉGICA 22 - Latin American Dialogue on International Peace and Security**

Reviewing the prospects for peace operations, peacebuilding and women, peace and security

(Maio 2016)

NOTA ESTRATÉGICA 21 - Assessing Haiti's Electoral Legitimacy Crisis – Results of a 2016 Survey

Athena R. Kolbe e Robert Muggah

(Fevereiro 2016)

NOTA ESTRATÉGICA 20 - Impact of Perceived Electoral Fraud on Haitian Voter's Beliefs about Democracy

Athena R. Kolbe, Nicole I. Cesnales, Marie N. Puccio e Robert Muggah

(Novembro 2015)

NOTA ESTRATÉGICA 19 - A Força de uma Trajetória: O Brasil e as operações de paz da ONU (1948-2015)

Eduarda Passarelli Hamann

(Outubro 2015)

NOTA ESTRATÉGICA 18 - Implementing UNSC Resolution 1325 in Brazil: surmounting challenges and promoting equality

Renata A. Giannini, Mariana Lima e Pérola Pereira

(Outubro 2015)

NOTA ESTRATÉGICA 17 - A Reforma do Conselho de Segurança da ONU: visão de mundo e narrativas do Brasil

Eduarda Passarelli Hamann

(Maio 2015)

NOTA ESTRATÉGICA 16 - Break Your Bones: mortality and morbidity associated with Haiti's Chikungunya epidemic

Athena R. Kolbe, Augusta Herman e Robert Muggah

(Julho 2014)

NOTA ESTRATÉGICA 15 - New Technologies for Improving Old Public Security Challenges in Nairobi

Mads Frilander, Jamie Lundine, David Kutalek e Luchetu Likaka
(Junho 2014)

NOTA ESTRATÉGICA 14 - O Despertar da América Latina: uma revisão do novo debate sobre política de drogas

Ilona Szabó de Carvalho
(Fevereiro 2014)

NOTA ESTRATÉGICA 13 - The Changing Face of Technology Use in Pacified Communities

Graham Denyer Willis, Robert Muggah, Justin Kosslyn e Felipe Leusin
(Fevereiro 2014)

NOTA ESTRATÉGICA 12 - A Inserção de Civis Brasileiros no Sistema ONU: oportunidades e desafios

Renata Avelar Giannini
(Janeiro 2014)

NOTA ESTRATÉGICA 11 - A Diáspora Criminal: o alastramento transnacional do crime organizado e as medidas para conter sua expansão

Juan Carlos Garzón Vergara
(Novembro 2013)

NOTA ESTRATÉGICA 10 - Smarter Policing: tracking the influence of new information technology in Rio de Janeiro

Graham Denyer Willis, Robert Muggah, Justin Kosslyn e Felipe Leusin
(Novembro 2013)

NOTA ESTRATÉGICA 9 - Is Tourism Haiti's Magic Bullet? An Empirical Treatment of Haiti's Tourism Potential

Athena R. Kolbe, Keely Brookes and Robert Muggah
(Junho 2013)

NOTA ESTRATÉGICA 8 - Violencia, Drogas y Armas ¿Otro Futuro Posible?

Ilona Szabó de Carvalho, Juan Carlos Garzón e Robert Muggah
(Julho 2013)

NOTA ESTRATÉGICA 7 - A Promoção Da Paz No Contexto Pós-2015: o papel das potências emergentes

Robert Muggah, Ivan Campbell, Eduarda Hamann, Gustavo Diniz e Marina Motta
(Fevereiro 2013)

NOTA ESTRATÉGICA 6 - After the Storm: Haiti's coming food crisis

Athena Kolbe, Marie Puccio e Robert Muggah
(Dezembro 2012)

NOTA ESTRATÉGICA 5 - Brazil's Experience in Unstable Settings

Eduarda Passarelli Hamann e Iara Costa Leite
(Novembro 2012)

NOTA ESTRATÉGICA 4 - Cooperação Técnica Brasileira

Iara Costa Leite e Eduarda Passarelli Hamann
(Setembro 2012)

NOTA ESTRATÉGICA 3 - A Experiência do Brasil em Contextos Instáveis

Eduarda Passarelli Hamann e Iara Costa Leite
(Agosto 2012)

NOTA ESTRATÉGICA 2 - The Economic Costs of Violent Crime in Urban Haiti (Aug 2011 - Jul 2012)

Athena R. Kolbe, Robert Muggah e Marie N. Puccio
(Agosto 2012)

NOTA ESTRATÉGICA 1 - Haiti's Urban Crime Wave? Results from Monthly Households Surveys (Aug 2011 - Feb 2012)

Athena R. Kolbe e Robert Muggah
(Março 2012)



INSTITUTO IGARAPÉ

a think and do tank

O Instituto Igarapé é um think and do tank independente, dedicado à integração das agendas da segurança, justiça e do desenvolvimento. Seu objetivo é promover debates e propor soluções inovadoras a desafios sociais complexos, por meio de pesquisas, novas tecnologias, influência em políticas públicas e articulação.

O Instituto atualmente trabalha com cinco macrotemas: política sobre drogas nacional e global, segurança cidadã, construção da paz, desenvolvimento sustentável e segurança cibernética. O Instituto Igarapé tem sede no Rio de Janeiro, com representação em Bogotá, Cidade do México e outras partes do mundo.





INSTITUTO IGARAPÉ
a think and do tank

Rua Conde de Irajá, 370
Botafogo, Rio de Janeiro – RJ – Brasil - 22271-020
Tel/Fax: +55 (21) 3496-2114
contato@igarape.org.br
facebook.com/institutoigarape
twitter.com/igarape_org

www.igarape.org.br

